

O fim do pessimismo

Com Brasil

Os primeiros sinais de que a política aplicada nestes últimos meses começa a colher bons resultados podem reverter o sentimento de frustração e pessimismo que tem marcado a vida brasileira em anos recentes. A inflação no mês de dezembro não vai explodir como anunciavam os porta-vozes do caos. E, mais do que isso, deve manter-se num patamar igual ou inferior ao de novembro — embora tudo indicasse que ela deveria crescer por causa do consumo de final de ano.

Com base nisso, economistas prevêem uma sensível queda dos índices em janeiro, desencadeando, pela primeira vez nos últimos anos, uma tendência de queda. Este é, aliás, o objetivo anunciado pelo Governo brasileiro na carta de intenções apresentada agora ao Fundo Monetário Internacional. As autoridades da área econômica pretendem chegar a dezembro de 1992 com uma inflação mensal de dois por cento.

Confirmando-se estas previsões, o Brasil finalmente começa seu processo de reorganização econômica. O mais importante é que a estratégia agora utilizada não prevê nenhuma medida extrema como tabelamentos, choques, confiscos. Simplesmente, o Governo deixou que os preços fossem ajustados sem sua participação.

Da mesma forma que os anos de estagnação entranharam nos brasileiros um pessimismo muito forte, com relação às suas potencialidades e às do País, a possibilidade do retorno do crescimento, ou, no mínimo, do estancamento da queda, cria novo ânimo no País.

Nota-se isso no surgimento — dentre o catastrofismo que tem marcado o pronunciamento de líderes empresa-

riais e sindicais — de vozes que alertam para a necessidade de os brasileiros recuperarem sua auto-estima.

Recentemente, o ministro Marcílio Marques Moreira disse que é um traço marcante dos brasileiros o de elogiarem as conquistas dos vizinhos e de depreciarem as suas próprias vitórias. Isso ocorre nas freqüentes comparações que são feitas entre as mudanças políticas e econômicas registradas nos outros países do continente, como Chile, México e Argentina. O que é sempre esquecido é que o PIB brasileiro é bem maior. As comparações, portanto, não valem.

Na verdade, a amargura e o pessimismo em nada ajudam na solução dos graves problemas que enfrentamos hoje. A economia brasileira enfrenta uma crise aguda, mas sempre é bom ter em mente que as potencialidades nacionais são imensas se comparadas com as de muitos outros países.

A previsão de hipóteses caóticas, como se sabe, faz parte muitas vezes de táticas para obter vantagens. Isso ocorre freqüentemente na atividade econômica. De outro lado, certas estatísticas podem ser analisadas de forma sinuosa de maneira a que o quadro pintado seja o mais negro possível.

O ano de 1992, em princípio, não apresentará um índice de crescimento econômico ponderável, por causa das práticas restritivas do Governo, que tem como objetivo principal a derrubada da inflação. O Governo assim age porque com inflação alta não se tem investimento na atividade produtiva. Na medida em que cai a inflação, crescem os investimentos e reaparece a riqueza. A perspectiva para o próximo ano, portanto, deve ser, no mínimo, realista.

JORNAL DE BRASÍLIA 21 DEZ 1991